

## **TEMPOS VERBAIS: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza CAMPOS  
Paulo de Tarso GALEMBECK<sup>1</sup>

- **RESUMO:** Partindo da hipótese de transitividade de Hopper & Thompson (1980), segundo a qual se mede a transitividade por uma série de traços e introduzindo algumas adaptações, decidimos analisar os dois pretéritos da língua portuguesa, o perfeito e o imperfeito, seguindo os parâmetros por eles apresentados. Para avaliar o grau de transitividade das orações em que se encontram esses dois tempos verbais, utilizamo-nos dos seguintes fatores: valor semântico do A<sub>1</sub>, que corresponde à agentividade, à volição e à "kinesis", da hipótese de Hopper & Thompson, pessoa verbal, número de argumentos e grau de afetamento do A<sub>2</sub> (objeto). Avaliamos o relacionamento entre esses vários fatores, que, na realidade, são parâmetros que medem o grau de transitividade, através de tabelas de frequência, de cada um individualmente, por meio do programa Varbrul, bem como através do cruzamento de dados, pelo programa Crosstab. Procuramos relacionar os dados obtidos estatisticamente através de uma ótica discursiva. Constatamos haver relações entre o uso do perfeito e características de alta transitividade e o do imperfeito e traços de baixa transitividade, ligando-se o perfeito ao primeiro plano do discurso e o imperfeito ao segundo.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Perfeito; imperfeito; parâmetros de transitividade; relações discursivas.

É comum, em nossa tradição gramatical, analisar os tempos verbais simplesmente como elementos que remetem o discurso a fatos presentes, passados ou futuros por serem considerados elementos absolutos, sem relação com elementos do enunciado ou da enunciação. Como o faz Tlaskal (1984, p. 250), cujo estudo acerca dos verbos portugueses segue, em linhas gerais, o modelo de Comrie (1985), apontando, como valor central do pretérito perfeito simples, uma duração bem-delimitada e acabada no passado e, como valor periférico, a expressão da anterioridade no passado, emprego que o português padrão reserva ao pretérito mais-que-perfeito. O mesmo autor apresenta, como valores centrais do imperfeito, a duração não delimitada e a simultaneidade (ambas no passado); secundariamente, a eventualidade no presente e no futuro e a posterioridade no passado.

---

1. Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – 14800-420 – Araraquara – SP – Brasil.

Pretendemos, neste trabalho, mostrar que os conteúdos centrais e periféricos definidos por Tlaskal (op. cit.) não constituem expressões independentes e absolutas, mas se vinculam a elementos de natureza frasal e discursiva. Para alcançar esse objetivo, decidimos seguir, na medida do possível, o modelo funcionalista de Hopper & Thompson (op. cit.), no qual revelam a importância e a universalidade da transitividade.

Hopper & Thompson apresentam o que eles mesmos denominam de uma teoria mais ampla de transitividade, que é medida segundo dez parâmetros bem-definidos: número de argumentos, "kinesis", aspecto, pontualidade, volição, polaridade, modalidade, agentividade, afetamento de O ( $A_2$ ) e individuação de O. De acordo com esta proposta, a transitividade não se mede por um traço único, mas é constituída por uma série deles que permite estabelecer uma gradiente: desde o mais transitivo, que apresenta o maior número de propriedades até o que possui uma proporção menor, sendo, portanto, classificado como menos transitivo.

Analisando a importância da transitividade, observada nas línguas de um modo geral e, de modo especial, nas línguas ergativas, Hopper & Thompson afirmam que apenas princípios de natureza pragmática justificam-na, conforme sugerem os fatos. Se não houvesse ligação com uma função comunicativa, os componentes da transitividade teriam entre si apenas uma relação arbitrária. Em outros termos, a transitividade, vista de um ângulo frasocêntrico, teria validade provisória e incompleta (op. cit., p. 295). Os dois pesquisadores propõem uma vinculação entre alta transitividade e primeiro plano do discurso e baixa transitividade e segundo plano, pois constataram que propriedades semânticas e gramaticais irrelevantes para o primeiro plano também são irrelevantes para a transitividade, e vice-versa (op. cit., p. 294).

Como podemos observar, Hopper & Thompson (op. cit.), ligando fatos gramaticais a fenômenos discursivo-comunicativos, apresentam uma postura definidamente funcionalista, que se opõe à da gramática formal. Se esta última concebe a "gramática como um conjunto de regras que são separáveis do discurso e que precedem o discurso", para os funcionalistas, a gramática "é um conjunto vagamente definido e sedimentado de elementos que estão continuamente renegociando-se na fala. É provisória e incompleta, e emerge do discurso" (Neves, 1993).

A proposta de Hopper & Thompson inclui, entre os parâmetros que compõem a transitividade no nível da frase, a oposição aspectual entre perfectivo e imperfectivo, o que vem ao encontro de nosso objetivo, o estudo do pretérito perfeito e imperfeito do indicativo, em que utilizamos sua base teórica para verificar até que ponto problemas de natureza frasal e discursiva explicam a oposição entre esses dois tempos verbais. Assim, tomando como ponto de partida para a análise o aspecto, vamos relacioná-lo com os demais traços e, posteriormente, com o conjunto como um todo.

Não nos afastando dos princípios gerais que norteiam essa proposta, tentamos explorar melhor as possibilidades de análise que ela sugere. No que diz respeito à caracterização do argumento 1, que nessa proposta é definido apenas como  $\pm$  agentivo, foi utilizada a classificação de papéis temáticos de Chafe (1975), com algumas modificações, tal como se encontra em Borba et al. (1990). Dessa forma,

identificam-se os seguintes tipos de argumento 1 agente, causativo, paciente, experimentador, beneficiário, instrumental e inativo. O que define cada um dos tipos é sua relação semântica com o evento ou a ação expressa pelo verbo, sendo assim caracterizado com mais especificidade o valor temático do argumento 1. Além disso, a classificação que seguimos permite incluir, em um único parâmetro, a "kinesis", a volição e o agentivo de Hopper & Thompson.

Não pretendemos analisar todos os parâmetros que compõem a transitividade, mas apenas os mais significativos, como o número de argumentos, as características do argumento 1 e o maior ou menor afetamento do argumento 2 (denominado de O, por Hopper & Thompson). A seguir, tentaremos estabelecer relações entre esses parâmetros e alguns aspectos discursivos, entre os quais se destaca a oposição entre primeiro plano (*foregrounding*) e segundo (*backgrounding*). Os três primeiros receberão tratamento estatístico, considerando-se os percentuais de sua frequência através do programa Varbrul, e os dados obtidos na análise serão cruzados entre si, com a utilização do programa Crosstab,<sup>2</sup> para verificar em que medida eles se correlacionam ou interpenetram. Os aspectos discursivos serão examinados em termos qualitativos, com base em fragmentos dos inquéritos que formam o *corpus* deste trabalho.

O *corpus* deste trabalho é constituído pelos três tipos de inquéritos do Projeto NURC: elocuições formais (EFs), diálogos entre dois informantes (D<sub>2</sub>) e diálogos entre informante e documentador (DIDs). Trata-se dos inquéritos n° 234, 404 e 360 (NURC/SP) e 355, 379 e 328 (NURC/RJ). De cada inquérito foi tomada uma amostra de quinze minutos de gravação, perfazendo, portanto, um total de noventa minutos.<sup>3</sup>

Numa primeira rodada, observaram-se fatos que exigiram alguns ajustes da nossa parte. Assim, com relação ao número de argumentos, constatamos haver um número muito pouco representativo de ocorrências com três argumentos (3,32% 9/271). Este fato sugeriu-nos a possibilidade de reunir, em um tipo maior, as ocorrências de dois e de três argumentos. Haveria, então, a oposição entre as formas verbais com um argumento e as com mais de um. Com relação ao valor semântico do A<sub>1</sub>, verificamos a ocorrência pouco significativa de certos tipos, como o causativo (1,48% 4/271) e o beneficiário (2,58% 7/271), fato que nos levou também a constituir "proto-tipos", formados a partir de tipos primitivos que tenham traços semânticos comuns entre si. Deste modo, teríamos um *agente*, que reuniria o primitivo agente e o causativo, que apresentam em comum o fato de serem desencadeadores de ações, e um *paciente*, que incluía em si o paciente e o beneficiário, que têm em comum o traço afetado, pois nos dois casos o A<sub>1</sub> é afetado pela ação verbal. Ainda com relação ao A<sub>1</sub>, consideramos o fato de ele referir-se à primeira pessoa do discurso, ao *eu*, à segunda pessoa do discurso ou à terceira. Constatamos haver, no *corpus* em estudo,

2. Para poder chegar a manusear os dois programas devemos expressar nossos agradecimentos a Maria Luiza Braga, Gisele M. de O. e Silva e Maria Marta P. Scherre, que com muita paciência esclareceram todas as nossas dúvidas.

3. Agradecemos às bolsistas Luciane Alves dos Santos, Marila Cunha da Silva e Sandra Regina de Andrade, por terem atuado no trabalho de codificação dos dados, e às colegas Beatriz de Oliveira Longo e Renata Maria F. C. Marchesan, que trabalharam na codificação dos dados bem como nas discussões que a precederam.

um número muito reduzido de ocorrências de segunda pessoa (1,85%: 5/271), o que nos levou a reunir em um único tipo a primeira e a segunda pessoa, que indicam os participantes ativos do ato discursivo. Essas pessoas opõem-se à terceira, que remete genericamente ao “assunto”, ou a entidades externas ao eixo emissor-receptor.

## 1. Número de argumentos do verbo

Considerando inicialmente o número de argumentos, temos os seguintes dados numéricos:

Tabela 1 – Número de argumentos e uso do perfeito e do imperfeito

Número de argumentos	Perfeito	Imperfeito	Total
1	49 56%	38 44%	87 32,10%
2	139 76%	45 24%	184 67,90%
Total	188 69%	83 31%	271 100%

Os dados da Tabela 1 mostram-nos que:

a) nas formas de pretérito perfeito e imperfeito do *corpus* analisado, há maior frequência de formas com dois argumentos (67,90%: 184/271) do que com um único (32,10%: 87/271);

b) havendo dois argumentos, percebemos ser sensível o predomínio de formas de pretérito perfeito sobre as de imperfeito;

c) quando temos um único argumento, observamos um aumento no percentual de pretéritos imperfeitos (44%: 38/87) em relação ao que encontramos com dois argumentos (24%: 45/184), mas este percentual não chega a superar o de pretéritos perfeitos. Nesse caso, os percentuais dos dois pretéritos estão muito próximos uns dos outros, como pode ser observado na Tabela 1;

d) o traço *dois argumentos* seleciona pretérito perfeito e o traço *um argumento* faz com que aumente o percentual de imperfeitos, cujo total, porém, não chega a ultrapassar o de perfeitos. Se considerarmos, porém, que o percentual de pretéritos perfeitos é muito superior ao de imperfeitos, o fato de os dois percentuais estarem próximos é um dado numérico a favor do pretérito imperfeito.

Considerando esses mesmos dados sob outro ângulo, temos o seguinte: de todos os pretéritos perfeitos, 26,06% (49/188) ocorrem com um argumento e 73,94% (139/188), com dois (ou três). De todos os imperfeitos, 45,78% (38/83) encontram-se com um argumento e 54,22% (45/83), com dois (ou três). Esses dados numéricos vêm apenas corroborar os acima apresentados, não lhes acrescentando nenhum fato novo.

## 2. Valor semântico do A<sub>1</sub>

Passando a considerar o valor semântico do A<sub>1</sub>, temos os seguintes dados numéricos:

Tabela 2 – Perfeitos e imperfeitos e valor semântico do A<sub>1</sub>

Valor semântico do A <sub>1</sub>	Perfeito	Imperfeito	Total
Inativo	27 38%	45 63%	72 26,57%
Agente/causativo	96 79%	26 21%	122 45%
Paciente/beneficiário	40 85%	7 15%	47 17,34%
Experimentador	25 83%	5 17%	30 11,07%
Total	188 69%	83 31%	271 100%

Considerando os dados da Tabela 2, observamos que os traços agente/causativo, paciente/beneficiário e experimentador no A1 favorecem significativamente o uso do pretérito perfeito (79%, 85% e 83%, respectivamente) e o traço inativo, o do imperfeito (63%).

Analisando esses mesmos dados de outro ângulo, temos o seguinte: de todos os pretéritos perfeitos do *corpus*, 14,36% (27/188) estão acompanhados por A<sub>1</sub> inativo; 51,06% (96/188), por A<sub>1</sub> agente e causativo; 21,28% (40/188), por A<sub>1</sub> paciente e beneficiário; e 13,38% (25/188), experimentador. Com relação aos imperfeitos, 54,21% (45/83) têm A<sub>1</sub> inativo; 31,32% (26/83), agente e causativo; 8,93% (7/83), paciente e beneficiário; 6,02% (5/83), experimentador. Estes dados vêm confirmar que há uma tendência marcada de uso dos pretéritos perfeitos com A<sub>1</sub> agente e causativo e dos imperfeitos com A<sub>1</sub> inativo.

Reunindo os dados do A<sub>1</sub> agente, causativo, experimentador e paciente, temos o seguinte:

Tabela 3 – Perfeitos e imperfeitos e valor semântico do A<sub>1</sub>

Valor semântico do A <sub>1</sub>	Perfeito	Imperfeito	Total
Inativo	27 38%	45 63%	72 26,57%
Agente	161 81%	38 19%	199 74,43%
Total	188 69%	83 31%	271 100%

Pelos dados da Tabela 3, constatamos que, no *corpus* analisado, a maior ocorrência da forma de pretérito perfeito não se verifica com o argumento 1 de valor temático de um único tipo. De fato, o perfeito encontra-se em agentes, causativos, experimentadores e pacientes. Por outro lado, o pretérito imperfeito ocorre, em proporções significativas, com argumento 1 inativo. Este fato sugeriu-nos a possibilidade de agrupar os valores temáticos em grupos maiores, de acordo com determinados traços que possuem, como o fez Dowty (1991, p. 572), reduzindo os papéis temáticos a dois proto-papéis, o proto-agente e o proto-paciente, que englobariam os demais.

Para Dowty (op. cit.), o proto-agente caracteriza-se por:

- a) ter envolvimento volitivo no evento ou estado;
- b) ter envolvimento emocional ou perceptivo;
- c) causar mudança em um evento ou mudança de estado em outro participante;
- d) ter movimento próprio;
- e) ter existência própria, independentemente do evento enunciado pelo verbo;

Por outro lado o proto-paciente caracteriza-se por:

- a) sofrer mudança de estado;
- b) ser afetado por outro participante;
- c) ser estacionário com relação ao movimento de outro participante;
- d) não ter existência própria, independentemente do evento expresso pelo verbo.

De acordo com sua proposta, cada uma destas características é semanticamente independente das demais, e pode atuar separadamente das outras (op. cit., p. 572).

Comparando a caracterização de Dowty com a por nós utilizada, temos que:

- a) o *agente* apresenta envolvimento volitivo no evento;
- b) o *causativo*, como o próprio nome indica, tem a propriedade de ser o causador de um evento ou de uma mudança de estado;
- c) o *experimentador* apresenta envolvimento perceptivo ou emocional em relação ao evento ou estado apresentado;
- d) o *paciente* tem movimento próprio;
- e) o *instrumental* apresenta também possibilidade de ter movimento próprio;
- f) o *beneficiário* possui existência própria, independentemente da ação expressa pelo verbo.

Por outro lado, o *inativo* não apresenta envolvimento volicional, causativo, perceptivo ou emocional, nem possibilidade de ter movimento próprio.

Este conjunto de características permite-nos identificar o *inativo* com o proto-paciente de Dowty e o *agente*, o *causativo*, o *experimentador*, o *paciente*, o *instrumental* e o *beneficiário* com o proto-agente. Este fato leva-nos a perceber relações entre esses proto-papéis e o uso dos dois tempos do passado que estão sendo por nós

analisados, encontrando-se preferencialmente o pretérito perfeito com os proto-agentes e o imperfeito com os proto-pacientes.

### 3. Pessoa verbal ( $A_1$ )

Com relação ao  $A_1$ , consideramos ainda o fato de ele referir-se à primeira e à segunda pessoa, que se envolvem diretamente no discurso, em oposição à terceira, que não apresenta este envolvimento. Os dados numéricos que ilustram este fato são os seguintes:

Tabela 4 – Perfeitos e imperfeitos e pessoa verbal ( $A_1$ )

Pessoa verbal	Perfeito	Imperfeito	Total
3	91 57%	69 43%	160 59,04%
1 e 2	97 87%	14 13%	111 40,96%
Total	188 69%	83 31%	271 100%

Observamos, na Tabela 4, que a primeira e segunda pessoas favorecem sensivelmente o uso do pretérito perfeito em relação ao imperfeito, enquanto, na terceira, constatamos um aumento no percentual de uso do imperfeito. Esse aumento, embora não supere numericamente o percentual do perfeito, é significativo, tendo em vista a frequência elevada de uso do perfeito no *corpus*.

Considerando esses mesmos dados de outro ângulo, temos que de todos os pretéritos perfeitos, 51,60% (97/188) referem-se à primeira e segunda pessoa e 48,40% (91/188) à terceira; dos imperfeitos, 83,13% (69/83) referem-se à terceira pessoa e 16,87% (14/83) à primeira e à segunda. Esses dados mostram-nos que, se no pretérito perfeito os percentuais estão próximos, indicando que esse tempo se usa com todas as pessoas, embora haja um discreto favorecimento de seu uso com a primeira e segunda pessoa, no caso do imperfeito é significativo seu predomínio na terceira pessoa.

### 4. Grau de afetamento do $A_2$

No que diz respeito ao relacionamento entre maior ou menor afetamento do  $A_2$  e o uso do pretérito perfeito e imperfeito, excluímos da análise os casos de complemento adverbial, bem como os de complemento oracional, porque são casos em que não é possível medir o grau de afetamento do  $A_2$ . Os dados numéricos são os seguintes:

Tabela 5 – Perfeito e imperfeito e afetamento do A<sub>2</sub>

Afetamento	Perfeito	Imperfeito	Total
1	35 85%	6 15%	41 36,94%
0	48 69%	22 31%	70 63,06%
Total	83 75%	28 25%	111 100%

Pela Tabela 5, podemos constatar os seguintes fatos:

- a) são mais freqüentes, no *corpus* analisado, os casos de menor afetamento;
- b) o maior afetamento favorece o uso do perfeito (85%: 35/41);
- c) nos casos de menor afetamento há um aumento de uso de formas de pretérito imperfeito, embora predominem numericamente formas do perfeito; este fato é significativo se levarmos em conta o elevado percentual de formas de perfeito.

Analisando os dados de um ponto de vista diferente, temos: de todas as formas de pretérito perfeito, 42,16% correspondem a A<sub>2</sub> com maior afetamento e 57,83%, com menor; das formas de imperfeito, 21,43% foram usadas com A<sub>2</sub> com maior afetamento e 78,57%, com menor. Por esses resultados, verificamos que o menor afetamento favorece discretamente o uso do perfeito; no caso do imperfeito, favorece marcadamente seu uso.

## 5. Cruzamentos

Tabela 6 – Cruzamento do número de argumentos e valor semântico de A<sub>1</sub>

Número de argumentos		1	2 ou 3	Total
Valor semântico de A <sub>1</sub>	Tempo verbal			
Inativo	Perfeito	22 42%	5 25%	27 38%
	Imperfeito	30 58%	15 75%	45 63%
Subtotal		52 100%	20 100%	72 100%
Agente	Perfeito	6 67%	90 80%	96 79%
	Imperfeito	3 33%	23 20%	26 21%
Subtotal		9 100%	113 100%	122 100%
Paciente	Perfeito	21 81%	19 90%	40 85%
	Imperfeito	5 19%	2 10%	7 15%
Subtotal		26 100%	21 100%	47 100%
Experimentador	Perfeito	0 0%	25 83%	25 83%
	Imperfeito	0 0%	5 17%	5 17%
Subtotal		0 100%	30 100%	30 100%
Total	Perfeito	49 56%	139 76%	188 69%
	Imperfeito	38 44%	45 24%	83 31%
Total geral		87 100%	184 100%	271 100%



Analisando os dados da Tabela 6, que contém os cruzamentos entre o número de argumentos e o valor semântico do A<sub>1</sub>, temos:

a) o parâmetro *número de argumentos* não altera as tendências gerais de uso dos dois tempos verbais com os A<sub>1</sub> registrados na Tabela 2, a saber, o predomínio do imperfeito com A<sub>1</sub> inativo e do perfeito com A<sub>1</sub> agente/causativo e paciente/beneficiário. Com A<sub>1</sub> experimentador não pudemos fazer esse confronto, uma vez que só ocorrem com dois ou três argumentos. A Tabela 6 demonstra que não há discrepância entre o emprego do perfeito e do imperfeito com os valores indicados (agente causativo e paciente/beneficiário) e o emprego desses tempos com a variável “um ou dois argumentos”. Em outros tempos verbais, há coincidência entre os traços *valor semântico* e *número de argumentos*. O trecho que foi objeto de observação, aliás, só pode ser compreendido à luz da referida tabela.

b) considerando os cruzamentos em que houve maior número de ocorrências de formas de perfeito e imperfeito, a saber, o A<sub>1</sub> *inativo* com um argumento e o A<sub>1</sub> *agente* ou *causativo* com dois argumentos, observamos que os traços *inativo* e *um argumento* conjugados favorecem discretamente o uso do imperfeito (58%: 30/52) e os traços *agente* e *dois argumentos* favorecem o uso do perfeito de modo mais marcado (80%: 90/113).

Tabela 7 – Cruzamento do valor semântico do A<sub>1</sub> com pessoa verbal

Valor semântico do A <sub>1</sub>		Inativo	Agente/ causativo	Paciente/ beneficiário	Experimen- tador	Total
Pessoa verbal	Tempo verbal					
3	Perfeito	24 36%	29 64%	36 84%	2 40%	91 57%
	Imperfeito	43 64%	16 36%	7 16%	3 60%	69 43%
	Subtotal	67	45	43	5	160
1 e 2	Perfeito	3 60%	67 87%	4 100%	23 92%	97 87%
	Imperfeito	2 40%	10 13%	0 0%	2 8%	14 13%
	Subtotal	5	77	4	25	111
Total	Perfeito	27 37%	96 79%	40 85%	25 83%	188 69%
	Imperfeito	45 63%	26 21%	7 15%	5 17%	83 31%
Total geral		72 100%	122 100%	47 100%	30 100%	271 100%

Nos dados contidos na Tabela 7, observamos o seguinte:

a) comparando o parâmetro pessoa verbal com o valor semântico do A<sub>1</sub>, o primeiro revelou-se um parâmetro significativo no que diz respeito à primeira e à segunda pessoa, pois, com qualquer tipo de A<sub>1</sub>, essas duas pessoas, diretamente envolvidas no discurso, selecionam o mesmo tempo verbal, o perfeito;

b) no que diz respeito à terceira pessoa, não se revelou o mesmo fato, pois esta só seleciona o pretérito imperfeito com A<sub>1</sub> inativo, havendo predomínio de formas do perfeito com os outros tipos de A<sub>1</sub>;

c) que o parâmetro *pessoa verbal* é, portanto, mais marcado do que o valor semântico do A<sub>1</sub>, no que diz respeito à escolha dos dois tempos verbais, apenas no caso das duas pessoas diretamente envolvidas com o discurso, a saber, a primeira e a segunda; a terceira pessoa não se destacou como parâmetro significativo para o uso do perfeito e do imperfeito, pois, com as formas que estão nessa pessoa, é o valor semântico do A<sub>1</sub>, e não a pessoa verbal, que determina a forma a ser usada.

Tabela 8 – Cruzamento entre valor semântico do A<sub>1</sub> e grau de afetamento de A<sub>2</sub>

Valor semântico de A <sub>1</sub>		Inativo	Agente/ causativo	Paciente/ beneficiário	Experi- mentador	Total
Grau de afetamento de A <sub>2</sub>	Tempo verbal					
1	Perfeito	0 0%	32 84%	3 100%	0 0%	35 85%
	Imperfeito	0 0%	6 16%	0 0%	0 0%	6 15%
	Subtotal	0 0%	38 100%	3 100%	0 0%	41 100%
0	Perfeito	4 29%	26 79%	3 75%	15 79%	48 69%
	Imperfeito	10 71%	7 21%	1 25%	4 21%	22 31%
	Subtotal	14 100%	33 100%	4 100%	19 100%	70 100%
Total	Perfeito	4 29%	58 82%	6 86%	15 79%	83 75%
	Imperfeito	10 71%	13 18%	1 14%	4 21%	28 25%
Total geral		14 100%	71 100%	7 100%	19 100%	111 100%

Analisando os dados do cruzamento entre os parâmetros valor semântico do A<sub>1</sub> e grau de afetamento de A<sub>2</sub>, contidos na Tabela 8, temos o seguinte:

a) comparando os dados da Tabela 2, que contém apenas os dados do valor semântico do A<sub>1</sub>, com os da Tabela 8, não observamos diferenças sensíveis, pois em ambos os casos temos o uso de formas de imperfeito com o traço + *inativo* e perfeito com o traço - *inativo*;

b) apenas no caso do cruzamento dos traços *inativo* e *menor grau de afetamento* houve como resultado um percentual mais elevado de formas de imperfeito do que no caso do parâmetro inativo sozinho; os demais percentuais estão muito próximos dos referentes ao uso dessas duas formas verbais com relação ao parâmetro *valor semântico do A<sub>1</sub>*.

Disso se conclui que o parâmetro *grau de afetamento do A<sub>2</sub>*, em relação com o *valor semântico do A<sub>1</sub>*, não é um parâmetro forte para a escolha dos dois tempos verbais em questão.

Pelos dados apresentados, percebemos que os parâmetros que compõem a transitividade atuam de maneira diferente com relação ao uso dos dois tempos verbais em estudo, alguns de maneira direta, como o valor semântico do A<sub>1</sub> e a pessoa verbal expressa pelo A<sub>1</sub>, outros de modo menos direto, como o grau de afetamento do A<sub>2</sub>.

Observamos, ainda, que há uma interrelação entre certos elementos, como o traço agentivo, a primeira e a segunda pessoas verbais no A<sub>1</sub> e o aspecto perfectivo, que, juntos, constituem o que Hopper & Thompson (op. cit.) denominaram de parâmetros de alta transitividade. Por outro lado, verifica-se o relacionamento entre o traço inativo, a terceira pessoa verbal em A<sub>1</sub> e o aspecto imperfectivo, que se comportam como parâmetros de baixa transitividade.

É nosso objetivo relacionar, a seguir, esses parâmetros com aspectos discursivos.

## 6. Primeiro e segundo planos narrativos

Até agora procuramos explicar o emprego dos pretéritos perfeito e imperfecto com base nas características morfossintáticas em que os citados tempos figuram e a partir dos parâmetros de transitividade de Hopper & Thompson (op. cit.). Neste item, buscamos explicar a distribuição dos citados tempos verbais em uma perspectiva mais ampla, de acordo com a noção de primeiro e segundo planos narrativos, conceitos sugeridos por Hopper (1979) e reafirmados por Hopper & Thompson (op. cit.).

Hopper (op. cit.) estabelece como característica universal do discurso narrativo a distinção entre primeiro e segundo planos (*foregrounding* e *backgrounding*). O primeiro plano constitui a linha principal da narração e é caracterizado por apresentar orações que denotam eventos discretos, dinâmicos e ativos. Já o segundo plano consiste no material de suporte, que simplesmente amplia, especifica ou comenta os eventos narrados no primeiro plano.

A distinção entre o primeiro e o segundo plano manifesta-se, na morfologia verbal de várias línguas, pela distinção entre duas formas de pretérito: o perfeito (relacionado com o primeiro plano) e o imperfecto (referente ao segundo plano narrativo).

O mesmo autor (op. cit., p. 216) enumera uma série de características da perfectividade e da imperfectividade, enquanto elementos característicos dos dois planos da narração:

### 6.1 Papel do tempo na seqüência de fatos e eventos

*Perfectivo*: seqüenciação cronológica.

*Imperfectivo*: simultaneidade ou sobreposição cronológica da situação C com o evento A e/ou B.

- (1) ...eu *estudei* balê...e *tive* oportunidade de trabalhar fazer uma cena como o:: balê russo...eu *era* alu/aluna de Maria Ulineva...então para mim *era* uma novidade né? teatro porque só estudando estudando estudando quando *chegou* o balê russo aqui em São Paulo eles *pediram* que as alunas do do do da prefeitura que *éramos* nós...aquele grupo Todo fosse fazer cena num num num dos números que eles *apresentaram* *era* *Pássaro de fogo* me parece...eu *achei* aquilo horrroso viu? me *chocou* tremendamente porque...éh por detrás dos bastidores é Uma coisa horrível né?...é tudo tão::...parece tão tão mascarado sei lá e quando aparece em cena o público vê uma coisa bonita né?...aquelas luzes...quer dizer aquilo me *chocou* *era* tão criança eu me lembro que eu...já *achava*...diferente o Municipal *era* Lindo maravilhoso visto do lado de cá né? (DID, SP, Inq. 234, p. 255-70)

Os verbos no perfeito (*estudei, tive, chegou, pediram...*) indicam a seqüência cronológica dos acontecimentos e constituem, pois, o fio principal da narrativa. O imperfeito, por sua vez, não diz respeito propriamente aos eventos narrados, mas às observações e comentários paralelos (*eu era aluna de Maria Ulineva, as alunas da prefeitura que éramos nós, eu já achava diferente o Municipal...*), inseridos na série de eventos narrados.

## 6.2 Completude x incompletude

*Perfectivo*: o evento é encarado como um todo, cuja complementação é um pré-requisito necessário para um evento subsequente.

*Imperfectivo*: a situação ou o acontecimento são encarados como algo cuja complementação não é um pré-requisito necessário para um acontecimento subsequente:

- (2) eu *estudei* acho que uns três anos balê três ou quatro...e não *tive* assim apresentação em teatro nem nada...depois eu *larguei* mas nessa vez que o balê russo *veio* para cá que nós *fomos fazer* fundo com eles para eles...eu *achei* aquilo me *chocou*...sei lá *achei*...por detrás dos bastidores uma coisa medonha (DID, SP, Inq. 234, p. 278-83)
- (3) *assisti* um filme...*era* sobre droga...eu não me lembro o filme...de um rapaz e uma moto aquilo me *chocou* tremendamente...*assisti* em Araraquara...eu não lembro o nome do filme...umas CENAS Doidas...eles *tomavam* entorpecentes e as cenas ah ah uma das cenas me *chocou* profundamente eu eu *sai* de lá do cinema a::/arrasada... (DID, SP, Inq. 234, p. 377-83)

No primeiro plano (perfectivo), cada evento é uma unidade dotada de autonomia e existência própria, a qual se liga ao todo, representado pela série dos outros eventos. É o que se pode ver no exemplo (2), em que a seqüência narrativa é formada por uma

série de entidades discretas, caracterizada pela sucessão de verbos no perfeito. O exemplo (3), por outro lado, revela que o imperfeito não tem existência própria, já que normalmente aparece ancorado a um verbo no perfeito: *era sobre droga* liga-se a *assisti um filme*; eles tomavam entorpecentes liga-se a *assisti em Araraquara*.

### 6.3 Natureza dos tópicos

*Perfectivo*: tópicos humanos.

*Imperfectivo*: variedade de tópicos, incluindo fenômenos naturais.

Os exemplos (1) e (2), acima citados, evidenciam que o perfeito possui, em geral, um sujeito humano, enquanto o sujeito do imperfeito não apresenta necessariamente esse traço.

### 6.4 Dinamismo estaticidade

*Perfectivo*: eventos dinâmicos, cinéticos.

*Imperfectivo*: estados, situações descritivas.

Estudos anteriores (Campos & Rodrigues, 1993) mostram que há correlação entre o tipo semântico-sintático do verbo e o uso do pretérito perfeito e do imperfeito do indicativo: com *verbos de ação*, *ação-processo* e *processo* predomina largamente o *perfeito*, ao passo que com *verbos de estado* o tempo predominante é o *imperfeito*.

O que foi dito pode ser ilustrado pelo exemplo a seguir, no qual os verbos no perfeito classificam-se como verbos de ação (*mexer*), de ação-processo (*encostar*) e de processo (*ficar*, *perceber*), ao passo que o verbo no imperfeito (*era*) inclui-se entre os verbos de estado:

- (4) no momento em que o homem...pré-histórico por uma razão qualquer *mexeu*...no carvão *mexeu* nos ossos carbonizados *ficou* com a mão...suja preta...e *encostou* as mãos na parede...ele *percebeu* que ele *era* capaz de CRIAR:...criar uma imagem:...que TANTA semelhança com o objeto real...que *era* a mão dele... (EF, SP, Inq. 404, p. 181-8)

Constituiriam exceção a essa regra apenas os verbos de estado com argumento 1 experimentador (*gostar*, *apreciar*, *preferir*). Esses verbos, embora expressem estado, devido ao valor temático do argumento 1, de experimentador, figuram predominantemente no perfeito:

- (5) Inf. Ma/é...também não lembro o nome da peça mas me parece que *era*...Um grito num Doc. parado no ar...  
Inf. ach/não não foi essa...*gostei* muito...dois artistas só mas a peça valeu viu? também palavrões...

Doc. uhn::eu já sei

Inf. *gostei* muito de *Hair*...Aí achei fabuloso...cenário de *Hair* uma m::MARAVILHA(...)  
(DID, SP, Inq. 234, p. 377-83)

O verbo *gostar* é empregado no perfeito porque faz parte dos eventos que constituem o fio principal da narrativa (primeiro plano). Não se trata de um comentário ou observação complementar (como os demais verbos de estado); ao contrário, *gostar* indica um evento que faz parte da seqüenciação cronológica do ato narrativo. Além disso, *gostar* indica, no exemplo citado, uma experiência única, que não se repete; assim, é plenamente justificado o emprego de uma forma verbal de valor pontual, ou momentâneo.

### 6.5 Realidade x irrealidade

Perfectivo: real

Imperfectivo: irreal.

- (6) L<sub>1</sub> ...ter sido escolhida uma procuradora para dirigir A procuradoria geral que é um...um cargo assim de muito:::relevo não?

L<sub>2</sub> ahn

L<sub>1</sub> na:: na administração...*causou* uma certa:: um certo ciúme sabe?...e ela *teve* dificuldade no início mas parece-me que agora é porque ela *queria* SOZINHA...fazer tudo...sabe? (D<sub>2</sub>, SP, Inq. 360, p. 757-64)

Os verbos no perfeito, *causou* e *teve*, relacionam-se com fatos reais (ou tidos como tais), mas o imperfeito *queria* está relacionado com a opinião, com a suposição.

No exemplo a seguir, o imperfeito é utilizado para a expressão de um desejo ou intenção que o informante não está certo de poder realizar-se:

- (7) L<sub>1</sub> ué, se um apartamentozinho que eu agora *estava querendo* alugar, desse que, ali na trezentos e catorze...

L<sub>2</sub> esse aqui atrás

L<sub>1</sub> não, não é o meu, o outro que eu *estava querendo* alugar pra fazer o, o atelier...

(D<sub>2</sub>, RJ, Inq. 355, p. 35-9)

### 6.6 Primeiro ou segundo planos narrativos

Perfectivo: primeiro plano – evento indispensável à narrativa.

Imperfectivo: segundo plano – estado ou situação necessários para compreender motivos, atitudes etc.

Os exemplos (1),(2), (3), (4) e (6) mostram que as formas do perfeito fazem parte de uma seqüência cronológica de eventos e que, assim, não podem ser suprimidas. O mesmo não acontece com as formas de imperfeito, que trazem informações adicionais.

No fragmento a seguir, os verbos no perfeito indicam uma seqüência temporal de eventos (*ficou, tive, somou, paguei*) e são, pois, indispensáveis à compreensão do fato narrado. Os verbos no imperfeito, por sua vez, indicam uma situação prévia em relação ao fato narrado (*as parcelas eram iguais em tudo*) e um comentário acerca desse fato (*se eu não tivesse cem mil cruzeiros não entrava*).

- (8) (...) as parcelas *eram* iguais em tudo, no momento que *ficou* pronto eu *tive* que pagar vinte e três mil cruzeiros, no fim *somou* mais um percentual de taxa de condomínio, mais não sei quê do gramado, mais não sei quê do mobiliário de entrada, mais não sei quê da iluminação e no fim eu *paguei* mesmo pra conseguir entrar no apartamento quase cem mil cruzeiros não *entrava*. (D2, RJ, Inq. 355, p. 126-32)

Os casos citados indicam que a distribuição das formas de perfeito e imperfeito, em textos narrativos, é dependente de fatores discursivo-textuais: o perfeito associa-se ao primeiro plano narrativo, caracterizado pela indicação da série de eventos/ações em si e pelo próprio dinamismo que caracteriza o texto narrativo. Já o imperfeito corresponde ao segundo plano, marcado pela indicação de estados, comentários e motivos, paralelos ou concomitantes à linha principal da narrativa.

## 7. Pessoa gramatical

O levantamento das ocorrências de perfeito e imperfeito revelou-nos reduzida ocorrência de formas de segunda pessoa, o que nos levou a agrupá-las em dois grandes blocos: o primeiro reúne a primeira e segunda pessoa (pessoas alocutárias ou participantes do ato conversacional) e o segundo, a terceira (não alocutário).

Na Tabela 4 constatamos que na primeira e na segunda pessoa predominam, de forma marcada, as formas de pretérito perfeito, ao passo que, na terceira, o imperfeito tem maior representatividade.

A explicação para essa distribuição é de natureza discursiva e leva em conta a distinção já discutida neste texto entre primeiro e segundo planos narrativos. A primeira e a segunda pessoa, especialmente a primeira, associam-se ao primeiro plano narrativo, pois são empregadas principalmente no desenvolvimento do fio principal do relato de fatos e eventos:

- (9) (A informante fala que optou pelo Curso Normal por ter perdido o pai)

L<sub>1</sub> (...) mas desde o momento em que eu...o *perdi* eu:: *preferi* uma carreira profissionalizante para que eu tivesse chance de já trabalhar assim...que formar não é? e:: daí me *empolguei* pelo magistério *lecionei* algum tempo...e:: ao terminar o normal eu logo

*optei* pela pedagogia que *era* um curso assim que dá uma cultura...geral BOA não é?...ah o nosso curso foi...bem dado e tudo mais e eu *gostei*...e não *fiz* outra:: outras especializações dentro outras especializações não...outra:: não *segui* outras carreiras ah::...que o curso de pedagogia daria possibilidade como o caso da orientação educacional (...) (D2, SP, Inq. 360, p. 1569-81)

No fragmento citado, os verbos no perfeito figuram na primeira pessoa, com exceção de *foi dado*, e representam uma série de eventos e fatos que se sucedem, formando um todo: *perdi, preferi, empolguei, lecionei, optei, gostei, fiz, segui*. A única forma de imperfeito desse fragmento está na terceira pessoa (*era*) e figura em um comentário ou observação paralela. Cabe acrescentar que os verbos no perfeito – exceto *gostei* e *preferi* – são verbos de ação ou de processo, fato que será discutido ainda nesta secção.

No fragmento a seguir, os verbos no perfeito (*comecei, comecei a trabalhar*) figuram na primeira pessoa, ao passo que as ocorrências de imperfeito estão na terceira pessoa (*ia*) ou na primeira (*trabalhava*). Nesse caso, não há propriamente distinção entre primeiro e segundo plano, mas entre um evento localizado precisamente no eixo temporal (*comecei a trabalhar há dois anos*) e eventos que não possuem essa localização precisa (*ele já ia à escola de manhã; só antes eu não trabalhava*). Por isso mesmo, os eventos indicados por verbos no imperfeito estão “ancorados” em um advérbio de tempo (*antes*) ou oração temporal (*quando eu comecei trabalhar*).

(10) L2 ele já *ia* à escola de manhã que eu *comecei* quando eu *comecei* trabalhar...*comecei* a trabalhar há dois anos...só antes eu não *trabalhava* (...) (D2, SP, Inq. 360, p. 374-6)

Mesmo nas narrativas em terceira pessoa, é bastante nítida a distinção entre primeiro e segundo plano. Por exemplo:

(11) e a indústria pesada...*foi* inclusive a que...*fez* com que o Japão pudesse...*ser*...uma potência industrial e por isso tentar dividir o mercado...*bom*...*ocorre* a Guerra e...nessa história nada acontece por acaso...né? se...realmente a Guerra *foi perdida* pelos países do eixo...é que as condições...sociológicas...econômicas e políticas etc. etc. fizeram com que a Guerra fosse perdida a Guerra...entretanto *foi* uma guerra geral né?...aonde os inimigos...*eh* derrotados *eram* inimigos fortes...(é) claro...eu *dei* o seguinte exemplo...em aula anterior...se quem tivesse perdido a guerra não fosse o Japão...já reconhecidamente...uma...potência antes da guerra...que *conseguia* às custas...de gente demais...território de menos e capi/capital conseguido...quer dizer...conseguido e não eh...CANALIZADO como *foi* a experiência americana...se o Japão *conseguiu* tudo isso... e *chegou* à Segunda Grande Guerra com a força que ele *chegou*...né ?...a imagem que eu *fazia era* a seguinte...se o Japão...fosse uma Birmânia...por exemplo que é um dos países atrasados...as economias industriais que *ganham* a Segunda Guerra NÃO TERIAM AJUDADO o Japão...quer dizer de outra maneira...se o Japão fosse a Birmânia...né?...as economias industriais...européias e americana...e...a socialista União Soviética QUERIAM MAIS É QUE A BIRMÂNIA MORRESSE...mas sabiam que a Birmânia não *era* o Japão.

(EF, RJ, Inq. 379, p. 146-70)



Podemos verificar que os verbos no perfeito relacionam-se, de forma geral, com o evento histórico narrado, qual seja, a participação do Japão na Segunda Guerra Mundial. Como esses verbos classificam-se, em sua maioria, como verbos de ação ou processo (*fez, foi perdida, conseguiu, chegou, ganharam*), acompanhados por A<sub>1</sub> agente ou paciente, não é difícil verificar que eles formam o arcabouço do primeiro plano narrativo; já os verbos no imperfeito relacionam-se com explicações e justificativas e são, em sua maioria, verbos de estado (*eram, era, queriam, sabiam*).<sup>4</sup>

## 8. Conclusão

Analisando o uso do pretérito perfeito e imperfeito de acordo com os parâmetros estabelecidos por Hopper & Thompson (op. cit.), com algumas adaptações por nós estabelecidas, verificamos que os vários parâmetros não se apresentam de modo uniforme com relação ao uso dos dois tempos do pretérito que estão sendo por nós analisados. Apesar dessa aparente falta de uniformidade, foi possível verificar traços comuns entre esses parâmetros e o uso desses dois tempos. Desse modo, constatamos que o pretérito perfeito se encontra ligado aos traços de alta transitividade: é usado com A<sub>1</sub> que Dowty (op. cit.) define como "proto-agente", ou seja, que contrai algum tipo de relação semântica com o predicado; com dois argumentos; com a primeira e segunda pessoa verbal; e com A<sub>2</sub> afetado. Por outro lado, o imperfeito relaciona-se a A<sub>1</sub> inativo, que não tem relação semântica com o predicado, os "proto-pacientes" de Dowty; com um argumento; e com a terceira pessoa verbal.

De acordo com a proposta de Hopper & Thompson (op. cit.), como a transitividade não pode ser entendida simplesmente no nível frasal, mas dentro de um contexto discursivo, examinamos também o emprego desses dois tempos verbais em relação a aspectos discursivos, e constatamos que o pretérito perfeito liga-se à seqüenciação cronológica, a eventos dinâmicos, cinéticos, a tópicos humanos, e ao real, fatos que fazem com que se identifique com o primeiro plano. Por outro lado, o imperfeito indica simultaneidade ou sobreposição cronológica com outra situação, liga-se a estados ou a situações descritivas, à variedade de tópicos, incluindo fenômenos naturais, a fatos tanto reais como irrealis, o que faz com que esteja ligado ao segundo plano.

Esta análise nos mostra que os tempos verbais não devem ser analisados de forma absoluta, independentemente do contexto em que ocorrem, mas inseridos em um contexto mais restrito, representado pela frase, e mais amplo, pelo discurso.

---

4. As exceções (ocorrências de *ser* no perfeito e *conseguir* e *fazer* no imperfeito) não anulam as tendências gerais apontadas.

CAMPOS, O. G. L. A. S., GALEMBECK, P. T. Verbal tenses: a functionalist approach. *Alfa*, São Paulo, v. 38, p. 57-74, 1994.

- **ABSTRACT:** We have applied Hopper & Thompson's (1980) transitivity hypothesis to two tenses of Portuguese, the "Perfeito" and the "Imperfeito". According to their hypothesis, it is possible to measure the degree of transitivity using a series of parameters. We have introduced some adaptations and used the following factors: the semantic role of A<sub>1</sub>, which corresponds to agentivity, volition and kinesis in Hopper & Thompson's study; verbal person; number of arguments; and degree of affectedness of A<sub>2</sub>. We have used the Varbrul program to evaluate the relationship among the transitivity parameters through frequency tables and the Crosstab program to cross the data. The analysis of the results showed that there is a relationship between the "Perfeito" and high transitivity and between the "Imperfeito" and low transitivity. At discourse level, the "Perfeito" is related to foregrounding and the "Imperfeito", to backgrounding.
- **KEYWORDS:** Past; telic vs. atelic; transitivity parameters; discourse relations.

## Referências bibliográficas

- 1 BORBA, F. S. (Coord.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1990.
- 2 CAMPOS, O. G. L. A. de S., RODRIGUES, A. C. S. et al. *A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: plano de trabalho para 1992-1993*, Araraquara, 1992. (Mimeogr.).
- 3 \_\_\_\_\_ . *A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo*. Araraquara, 1993. (Mimeogr.).
- 4 CHAFE, W. L. *Meaning and the structure of language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.
- 5 COMRIE, B. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- 6 CUNHA, C. F., LINDLEY CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- 7 DOWTY, D. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language*, Baltimore, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.
- 8 HOPPER, P. J. Aspect and foregrounding in discourse In: GIVÓN, T. (Ed.) *Syntax and semantics: discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979. v. 12, p. 213-41.
- 9 HOPPER, P. J., THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, Baltimore, v. 56, n. 2, p. 251-99, 1980.
- 10 NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. Trabalho inédito apresentado em mesa-redonda incluída na programação da Abralín, na 45ª Reunião Anual da SBPC: Recife, 1993.
- 11 TLASKAL, J. Observações sobre tempos e modos em português. In: HERCULANO DE CARVALHO, J. G., SCHMIDT-RADEFELD, J. (Org.) *Estudos de lingüística portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1984, p. 237-55.
- 12 TRAVAGLIA, L. C. Valores discursivos do pretérito imperfeito no indicativo no português. *Estudos Lingüísticos: SEMINÁRIOS do GEL*, 15, 1987. *Anais...* p. 445-51.